

EVENTOS DE LETRAMENTO NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Otilia Lizete de Oliveira Martins Heinig¹

Gracielle Boing Lyra²

Eixo temático : 7. Alfabetização e formação inicial e continuada de professores

Resumo: Este texto relata uma experiência de pesquisa como formadoras na elaboração das Diretrizes Curriculares de um município de Santa Catarina de 2018 a 2020. Foram analisadas nove narrativas de professores objetivando compreender como eles avaliam o processo formativo e os alcances no planejamento e na ação docente em sala de aula. Os dados foram agrupados conforme os elementos observáveis dos eventos de letramento: participantes, ambientes, artefatos e atividades. Os professores consideraram a experiência exitosa, porque teve como base a partilha, o diálogo e, em especial, respeito à construção coletiva.

Palavras-chaves: Tempo; formação de professores; eventos de letramento; interlocução.

Palavras iniciais

Eu roubo horas para lhes dar tempo.

Quem tem hora não tem tempo: tempo de olhar o tempo.

Munduruku (2007, p. 25)

A epígrafe que abre as cortinas desse diálogo faz parte das memórias que aqui iremos registrar. A prática discursiva utilizada para iniciar as formações continuadas, ministradas por nós, eram obras literárias. Por meio um texto, provocávamos o interlocutor, permitindo o encontro com o dizer do outro, para que eles criassem seus próprios universos de sentidos. Assim, acontecia o diálogo e a voz dos participantes dava o tom para o tempo que passaríamos com eles. Refletimos com os professores sobre as modalidades de tempo, até chegarmos ao tempo na escola e, em especial, como organizar e avaliar o tempo para o

¹Doutora em Linguística. FURB. Membro do Grupo de Professores de Língua Portuguesa (GPLP). Contato: otilia.heinig@gmail.com

² Mestre em Educação. Doutoranda do PPGE-CED-UFSC. Membro do Núcleo de estudos e pesquisas em alfabetização e ensino da língua portuguesa (NEPALP) e do Grupo de Professores de Língua Portuguesa (GPLP). Contato: gboinglyra@gmail.com

ensino e a aprendizagem no projeto de letramento, recorte que traremos para esse espaço de diálogo.

Para a construção da pesquisa, solicitamos aos professores participantes da formação desde o início, atuantes em diferentes segmentos, que avaliassem o processo formativo e seus alcances no planejamento e na ação docente em sala de aula. Nove professores enviaram seus depoimentos os quais serão apresentados ao longo do texto cujos nomes foram substituídos por pseudônimos.

Barton (2001) expande a concepção de eventos de letramento, apontando finalidades e funções de práticas sociais. Há textos que são expostos, mas não lidos num sentido convencional; há textos em que os eventos têm funções. A isso se poderiam acrescentar textos para eventos permanentes e textos para eventos ocasionais, o que remete para a questão da temporalidade e espacialidade de alguns textos. A fim de situar o relato, apresentamos também as compreensões de Hamilton (2000) acerca dos elementos visíveis dos eventos de letramento. Os que interagem com materiais escritos são participantes e isso se dá em um ambiente (circunstâncias físicas imediatas). Para essa interação, os participantes lançam mão de artefatos (materiais utilizados nesse processo) e realizam atividades (ações praticadas pelos participantes no evento de letramento).

Seguindo essa orientação teórica, este texto pretende analisar avaliações de professores participantes de uma formação continuada coordenada por nós entre 2018 e 2020. Ao examinar as narrativas dos participantes, percebemos que, assim como nós, eles avaliaram as formações continuadas como uma exitosa experiência, porque teve como base a partilha, o diálogo e, em especial, respeito à construção do coletivo, motivo pelo qual fomos buscar na memória o tempo lá vivido, pesquisar nossas anotações e rever os planejamentos. A organização do texto leva em consideração os elementos observáveis dos eventos de letramento.

2 Participantes

Durante as formações, os participantes escreviam memoriais sobre os seus trabalhos, relatos de sequência didática (SD); no coletivo de professores, também faziam por escrito avaliação dos encontros.

Tais práticas estão evidenciadas no discurso de uma das participantes: *Meu nome é Rosa, orientadora educacional. No período do ano de 2019 teve inúmeras capacitações, sendo muitas de forma prática para que os professores demonstrassem que de fato compreenderam a proposta de trabalho por meio de sequências didáticas.* Neste excerto, se identifica a presença de dois participantes: orientador pedagógico e professores. A

enunciadora traz na primeira linha de seu depoimento a sua identidade profissional, marcando seu lugar neste processo em primeira pessoa. Logo depois, ao falar de outros participantes, faz uso da terceira pessoa do plural, colocando os professores em um grupo de práticas ao qual ela se refere sob a ótica que assume no espaço escolar. Além disso, o sujeito diz que foram ofertadas as capacitações e eles se inseriram nelas para ampliar a compreensão como um grupo.

A participante Danúbia se identifica da seguinte forma: na época *eu estava como diretora, mas eu sou professora*. Percebe-se aqui um movimento de tempo entre as posições que o sujeito assume, no momento da construção era diretora e não participou, mas agora volta à sala de aula e, por ser professora, mobiliza conhecimentos para recuperar as construções coletivas. Esse dizer sinaliza uma cisão entre a gestão e a docência, o que não foi o caso apenas desse sujeito, pois houve um momento de reunião entre diretores e coordenadores no qual pudemos compreender como cada um se inseriu no projeto.

Alguns depoimentos não fazem referência aos participantes o que é sinalizado pelo uso da primeira pessoa do singular. Ana e Maria revelam como se sentiram no processo como participantes desse evento: (1) *Por hora, me sinto capacitada e uma profissional melhor, pois me fez sentir de fato [...]*. (Ana); (2) *Quando então surgiu a ideia da criação das Diretrizes para o município confesso que tive minhas interrogações, quase que utilizando a metáfora bíblica de que “Não se põe remendo novo em tecido velho”* (Maria).

Da primeira do singular a do plural, os professores passam muito rapidamente pois percebem que esse trabalho é dialogado, como revela esta reflexão de Maria: *Motivada a lançar-me frente a algo novo que pudesse recarregar as energias, que trouxesse mais entusiasmo, partimos na direção dessa luz [...]*.

A relação com os interlocutores do mesmo auditório social também é sinalizada por Carla, que foca o momento inicial, e Danúbia que revela momentos de aprendizagem no coletivo pós-produção das diretrizes: *Quando todos os professores se reuniram para reformular as Diretrizes, gerou uma grande polêmica, pelo fato de que as mudanças assustam, pois precisamos sair do que já estamos acomodados* (Carla). No primeiro momento, ela usa “os professores” neutralizando sujeito do discurso, mas logo a seguir assume seu lugar nesse processo, enunciando “precisamos”. O uso da expressão “grande polêmica” revela que houve entre os sujeitos posicionamentos, escolhas, embates o que faz parte da atitude responsiva do sujeito que se sente incluído no processo. *Pela troca né, a gente consegue ter mais trocas de experiências com as outras professoras* (Danúbia). Merece atenção a expressão “troca de experiências” que indica como a aprendizagem se deu depois da construção do documento, na fase de planejamento em cada escola, quando os

professores e demais participantes mobilizaram os conhecimentos teóricos construídos tanto na sua área de atuação quanto na formação continuada bem como os saberes da experiência.

Alguns apresentam interlocutores que não estavam fisicamente no processo, mas que foram participantes das práticas de letramento ao longo de sua formação. Alba se refere ao grupo de formação continuada, o GPLP e diz: *No **Grupo de Professores de Língua Portuguesa, o qual participo, já vínhamos** estudando e conversando em relação a BNCC. Observando que muitas redes do Brasil já estavam construindo seus currículos.*

Há os que pensam em um outro participante que não estava fisicamente, mas era o alvo de tudo que estávamos construindo, os alunos: (1) *como elas vão impactar o desenvolvimento de **meus alunos** e também como colocar em prática. [...] o **aluno** a ter contato com diferentes textos e produções textuais, considerando onde seu texto vai circular, a qual gênero ou campo de atividade vai pertencer* (Alba); (2) *traduzirmos nossa prática docente em algo mais palpável e perceptível a nós e, principalmente, **aos interlocutores** do processo que aprendizagem que são **nossos alunos*** (Maria); (3) *Foi possível perceber o desenvolvimento das **crianças**, devido a demanda de atividades mais concretas e dentro de objetivos e não apenas concretizar atividades em cima de temas [...]* (Carla).

Mais uma vez o olhar do sujeito se dirige para o tempo pós construção do documento e aponta para o movimento que faz parte da própria escola seja pela chegada de alunos como de professores aos quais a orientadora pedagógica se refere: *Orientar **os novos que chegam** ainda é desafiante, mas já faz parte da rotina, e não mais enxergamos empecilhos, temos argumentos e conhecimentos para mostrar a quem chega* (Rosa).

Por fim, trazemos excertos que falam sobre a nossa participação neste processo guiando, orientando, o diálogo como elas mesmas enunciam: *Foi nesse momento que recebi todo apoio e as ferramentas para entender sobre as mudanças em Língua Portuguesa na BNCC, guiada pelas professoras: Otília e Gracielle* (Alba); (2) *mas com o passar do tempo a Otília e a Graci foram nos abrindo um novo leque de conhecimentos e vimos que poderíamos continuar usando nossos conhecimentos antigos, só que de uma outra forma mais eficaz e suficiente* (Sici).

3 Ambientes

Considerando que o mais importante, em um evento de letramento, é a interação, nossos encontros aconteceram em diferentes espaços. Como não havia um espaço específico para formação de professores, elas aconteciam em diferentes ambientes: refeitório de escolas, auditórios; espaços da assistência social; salas de aula; sala de reunião da secretaria de educação.

A sala de aula foi o espaço de análise do planejamento e do agir pedagógico pelo próprio professor: (1) [...] *me fez repensar metodologias e conteúdos que eram ministrados antes em sala* (Ana); (2) *Iniciei com o pré escolar ano passado, antes disto trabalhava com turmas menores na creche* (Perla).

Os participantes indicam o espaço da escola, revelando um pertencimento a essa comunidade escolar e de cultura que traz suas marcas: [...] *e sou da escola* (cita o nome) (Sici); *Bem na época em que as sequências didáticas foram elaboradas, eu estava na direção de uma escola grande do nosso município [...], eu não participei de uma capacitação* (Danúbia). Ainda que todas as escolas sejam da mesma rede municipal, cada uma guarda a sua história, considera os seus participantes. Percebemos isso não apenas nos relatos dos professores, mas também por nossas vivências em cada escola ao conhecer aquele espaço, seus alunos, professores, merendeiras, ver o movimento dos pais levando e trazendo seus filhos.

Resumindo todos esses espaços, um dos relatos traz a expressão que se aproxima dos elementos visíveis dos eventos de letramento: [...] *e que este fique bem claro especificado para todos que fazem parte do ambiente escolar e rededobrando-os em ações concretas* [...] (Sici).

4 Artefatos

De todos os materiais e acessórios utilizados na formação, o texto escrito foi o mais recorrente. Entre os gêneros discursivos e suportes mobilizados, na formação e na produção escrita do documento, estão: *slide*, folder, artigo, cartaz, vídeo, livro de literatura, *book trailer*, tabela, esquema, jogo, artigo, anotação em caderno. No processo de formação e construção dialógica do documento, os professores foram produzindo textos de diferentes formas como destaca uma das professoras: *Quando as dúvidas chegam, corremos para os materiais, modelos e anotações feitas durante as capacitações. Foram períodos que surgiam dúvidas a todo tempo, mas todas esclarecidas e que vinham com exemplos para clarear nosso planejamento* (Rosa).

Os professores também fazem referência a artefatos que dizem respeito a sua prática pedagógica e atuação em sala de aula: (1) *A leitura é tomada em um sentido mais amplo, não se referindo só ao texto escrito, mas também a imagens em movimento a exemplo de vídeos, e mesmo ao som, considerando, por exemplo, a música e os efeitos sonoros que acompanham determinado conteúdo. Especialmente nos meios digitais* (Alba); (2) [...] *nossos mais que centenários e fiéis companheiros – o quadro e o giz e ainda o mais moderno pincel* (Maria); (3) *eu trabalhei com os jogos* (Flor).

5 Atividades

Durante os encontros, por nós considerados diálogos em sentido amplo, ouvimos falas como: “há algumas coisas que ensinamos e nem nós sabemos o porquê”. Diziam também: “tem coisa que cai de paraquedas na sala de aula e não se sabe nem porque se ensina, mas como sempre foi assim, continuávamos a fazer”. Por compreendermos que a construção dos sentidos implica atitude responsiva, percebemos diferentes respostas ao que foi apresentado, construído e planejado. Cabe mencionar que o processo para chegarmos a essa conclusão foi um pouco tenso. Isso pode ser explicado por algumas razões:

a) há uma *resistência* natural ao novo, especialmente quando se trata de planejamento, por parte dos professores que já têm uma prática enraizada: *Quando todos os professores se reuniram para reformular as Diretrizes, gerou uma grande polêmica, pelo fato de que as mudanças assustam, pois precisamos sair do que já estamos acomodados* (Carla);

b) há uma mudança significativa no colegiado de professores, os quais precisam compreender a lógica do trabalho nesse espaço e a teoria que já era de conhecimentos dos demais professores: *no início a sequência didática me assustou pelo fato de não ter participado das capacitações [...] a partir do momento em que eu fui estudando, fui entendendo e fui vendo para mim hoje ela facilita porque eu vejo a sequência para mim assim o início, o meio e o resultado final né?* (Danúbia).

Para alguns professores, a participação na elaboração das Diretrizes, que envolve todo o processo ao longo de dois anos, possibilitou a produção de sentidos de pertencimento, de colaboração. Então, nem tudo foi tenso, alguns relatam o que foi intenso: *Aplicar esta mudança na prática foi o segundo desafio que encaramos com muito otimismo. [...] nos fez sair da zona de conforto e abrir novos horizontes para a aprendizagem e a forma de ensinar. Foi possível perceber o desenvolvimento das crianças, devido a demanda de atividades mais concretas e dentro de objetivos e não apenas concretizar atividades em cima de temas* (Carla); *a organizar os conteúdos de modo que exista uma continuidade onde um conjunto de atividades busca favorecer o conteúdo partindo da aprendizagem do aluno e do objetivo* (Sici); *a oportunidade de sugerir conteúdos e dar opinião sobre o que é realmente essencial dentro da área da matemática me fez repensar metodologias e conteúdos* (Ana); [...] *Hoje com a Diretriz concluída, sinto-me mais segura para focar nas habilidades que precisam ser desenvolvidas em Língua Portuguesa [...]* (Alba); *Discussões, reuniões, estudos, elaboração e revisão foram ações marcantes e essenciais nesse processo. [...] A cada passo dado, vejo a necessidade de retomar, de*

rever, de melhorar (Maria).

Chamou-nos atenção a forma como os professores, ao longo do processo, foram compreendendo a SD como uma forma de planejamento autoral, completa e lógica. Os professores concluíram ainda que ela lhes permitem e aos alunos estenderem, diminuir ou aprofundarem as SD por meio dos módulos. Também conseguiram perceber a flexibilidade das SD e, o mais importante e talvez foi a maior descoberta, concluíram que, para o aluno aprender, faz-se necessário progressão e lógica. O medo do início foi se transformando pela própria ação e vontade do professor: *Houve resistência, porém, com o passar do tempo, fomos todos percebendo que era **uma forma eficiente de planejamento, e que podíamos flexibilizar, adaptar e encaixar diferentes realidades dentro de uma mesma sequência.*** [...] *por onde eles podem **avaliar o conhecimento prévio dos alunos** e focar nas especificações da turma, focando no o objetivo a ser atingido* (Rosa); tudo o que a gente desejaria ensiná-los aprendemos **quais conteúdos escolher, criar situações didáticas variadas em que seja possível retomar os conteúdos abordados** [...] (Sici); *E a sequência didática veio para nos ajudar e contribuir na nova maneira de **planejar, nova maneira de aplicar atividades**, nova maneira de ver o que já era feito e como poderia melhorar* (Perla); *não basta conteúdos prontos e a preocupação com temas e atividades, e **sim buscarmos os principais objetivos** que precisamos passar para as crianças naquele determinado momento e assim **podermos esquematizar nossa Sequência Didática*** (Carla).

No decorrer das formações os professores apresentavam domínio dessa modalidade de planejamento, faziam trocas de sequências e planejavam as demais. Cabe mencionar que criamos um vínculo com os professores, eles nos encaminhavam SD por *e-mail* e aguardavam nosso retorno, essa troca nos possibilitou acompanhar o processo de apropriação do conceito dessa modalidade de planejamento pelo professor.

6 Para fechar o diálogo

Retomamos, ao final, o mesmo autor que abre nosso texto. O tempo continua nos instigando, pois, como diz o Munduruku (2007, p. 27): “Viva o tempo, não viva as horas. Só há um tempo: o agora. Tempo de chegar, tempo de ir embora. Quem vive seu tempo, faz história”.

Fizemos nossa história nesse tempo e para além dele, pois há em nossas memórias uma construção para a qual olhamos. Pode ser que os detalhes que trazemos não estejam tão minuciosos conforme aconteceram, pois escrevemos a partir do que nossa memória buscou no passado e a memória, por vezes, nos trai. Entretanto, sabemos que estivemos ali, participando e testemunhando essa história com esses atores sociais, na construção coletiva

de um documento que esperamos que continue a fazer história. Uma rara oportunidade de diálogo, sem afobação, quando se vê, na educação deste país, uma pressa enorme em produzir, aprovar e publicar normativas, currículos e outras leis mas sem ouvir o maior interessado.

Vivemos nosso tempo e por isso fizemos nossa história. Somos sujeitos atravessados por todos esses educadores que conosco produziram respostas e sentidos. Nem sempre (e ainda bem) de concordância, pois o inacabamento faz parte do sujeito. Retomando o que diz a obra que nos inspirou, temos certeza que “marcamos nossas vidas no tempo”.

Referências

BARTON, D. Directions for literacy research: analyzing language and social practices in a textually mediated world. *Language and education*, UK, v. 15, n. 2&3, 2001. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/373849.pdf>. Acesso em: maio 2021.

HAMILTON, M. Expanding the new literacy studies: using photographs to explore literacy as social practice. *In*: BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIC, R. (Orgs.). **Situated literacies: reading and writing in context**. Londres e Nova York: Routledge, 2000. p. 16-34.

MUNDURUKU, D. **O homem que roubava horas**. São Paulo: Brinquebook, 2007.